

MONET
PROGRAMAÇÃO
CULTURA
PERSONALIDADES
ESTILO
TURISMO
MODA
CARRROS
COMIDA
TECNOLOGIA
BELEZA
JULHO 2003

MONET

A SUA REVISTA **NET**



EDITORA
GLOBO

JULHO 2003
NÚMERO 04
R\$ 8,00

GABI RESPONDE

CONTÉM O **SUPERGUIA**
DE PROGRAMAÇÃO NET
A PARTIR DA PÁGINA 83

ISSN 16784995




9 771678 499007

00004



ENTREVISTA | MARÍLIA GABRIELA





COM MILHARES DE ENTREVISTAS EM 34 ANOS
DE CARREIRA, MARÍLIA GABRIELA SENTA
DO OUTRO LADO DA MESA E ABRE O JOGO

PORTAS ABERTAS

■ ALEXANDRE MARON/FOTOS: EVERTON BALLARDIN

Marília Gabriela é uma entrevistadora nata. Até quando atende um jornalista para inverter os papéis e responder a algumas perguntas, ao menor descuido já está fazendo perguntas e descobrindo tudo sobre ele. "Não gosto muito de dar entrevistas", confessa. "Sinto que eu me repito e isso me frustra. Gosto do novo", completa com sua voz forte e decidida que os espectadores conferem no "Marília Gabriela Entrevista", exibido todos os domingos, às 22h, no canal GNT.

Nos seus 34 anos de carreira, Gabi, que tem 55 anos, entrevistou milhares de pessoas e se tornou uma marca de prestígio, um símbolo para as outras mulheres. Nos últimos anos, por namorar o ex-modelo Reynaldo Gianecchini, 30, o galã da novela das oito da Rede Globo, 25 anos mais novo, deu mais uma demonstração de sua personalidade forte e enfrentou a enxurrada de fofocas e piadinhas preconceituosas que surgiram da união e da diferença de idade do casal.

Sem dar ouvidos a críticas, ela ainda gravou o CD "Perdida de Amor", em homenagem a Dick Farney, e atua em "A Peça sobre o Bebê", de Edward Albee, que está em cartaz em São Paulo até o dia 29 de junho e estréia no Rio de Janeiro em Julho. E Gabi se sai bem em suas empreitadas. "Estou viva, sou curiosa, as coisas me motivam. Tenho possibilidades e as exploro", afirma, na entrevista cujos melhores momentos você confere a seguir.

Você tem um estilo de entrevistar e fazer perguntas até difíceis de uma forma absolutamente natural. É uma tática?

Você sabe que isso acontece porque talvez eu não considere a pergunta capciosa. A minha curiosidade é aquela. Não sou de preparar armadilhas. Faço as perguntas da forma como eu gostaria de obter as respostas. Ela pode soar capciosa, mas é honestíssima.

E não pode haver essa diferenciação entre o entrevistado cult e o popular, né?

Ah, sim. Houve uma época em que eu achava que não... Queriam os grandes nomes. Mas eles são tão entrevistados que já sabem macetes para fugir das respostas verdadeiras.

Quais são os entrevistados que você mais curte?

Os despudorados no sentido de que são corajosos. Gosto dos que não têm medo de dizer o que pensam.

Tem alguém que você queria muito entrevistar e não conseguiu?

Não mais. Sabe aquela história de que eu não tenho interesse em freqüentar um clube que não me aceita como sócia? Eu não sofro mais para conseguir uma entrevista. Quando fica difícil eu falo "com licença, eu também prezo a minha reputação. Passe bem".

Você é uma mulher idolatrada pelas outras mulheres. A que você atribui isso?

Já teve a história de dizer que eu sou admirada pelas mulheres só porque sou casada com o Gianec-

chini. Já fiz outras coisas mais representativas do que ser casada com o galã da novela das oito. Anos atrás, na "Folha de São Paulo", em uma pesquisa, deu que as mulheres gostariam de ser eu. Fiquei pensando que... [faz uma pausa e escolhe as palavras] Que, se elas soubessem das minhas dores, talvez não achassem tanta graça. Nada veio fácil. Eu fico feliz de ser representativa para as mulheres. O melhor resultado é esse reconhecimento do público. Agora, o galã da novela das oito é bom, mas...

Quando você o conheceu, ele não era o galã...

Não. Talvez o que não perceberam é que, para chegar nisso, tudo o que veio antes é que foi importante. Tudo o que eu fiz por mim, pela minha cabeça, pela vida com os meus filhos, com o meu raciocínio, a minha emoção, as minhas lutas, foi tudo isso o que me deu a autoridade para encarar o padrão social vigente e falar: "Com licença que comigo é assim."

O que é ser uma mulher vitoriosa?

Da mesma maneira que me admiram, eu sou terrivelmente criticada e, às vezes, agredida mesmo. Então tem esse preço. É um porre. O "vitorioso" é porque cheguei a um nível profissional no qual as pessoas me respeitam. Mas eu continuo batalhando. Outro dia, acabou meu contrato com o SBT e já estou batalhando para conseguir o programa na TV aberta. Isso é o que me sustenta. Se não fosse, eu talvez parasse de fazer TV aberta. Mas estou partindo para uma coisa nova. E por necessidade. Vou fazer produção independente do meu programa que vai ser colocado no SBT. Eu tive que acertar uma produtora independente, avaliar custos, riscos. Enfim, é um vitória, mas com um recomeço.

Nos últimos anos, sua vida virou alvo do escrutínio das revistas de fofocas. Como você se sente a respeito disso?

É horrível. Ser casada com um galã é uma coisa... [pausa] Você não tem noção de como é pavoroso. No outro dia, eu vi uma mulher trazer a filha adolescente e incentivá-la a ir abraçar o Giane. A menina chorando e a mãe dizendo "vai lá, abraça ele de novo". E eu ali do lado. É uma invasão, um desrespeito. Não só comigo, com ele também. A sua pele, o seu cor-

“SER CASADA COM
UM GALÃ É UMA
COISA... VOCÊ NÃO
TEM NOÇÃO DE
COMO É PAVOROSO”

“O BONI VIU OS
MEUS EXAMES
MÉDICOS, OLHOU
PARA MIM E DISSE:
‘VOCÊ É UMA VACA
SAUDÁVEL’”

po é o que você tem de mais seu, você dá isso para quem você elege. E de repente vêm as pessoas, querem tirar pedaço e desrespeitam ele, que me escolheu. E depois é essa avaliação por que eu passo: "é feia, é isso, é velha, é aquilo". É um pé no saco.

Fazer teatro significa receber críticas. "Esperando Beckett" [a peça de estréia de Marília] foi muito bem recebida. Já "A Peça sobre o Bebê" recebeu reações negativas. Como você lida com isso?

Recebi ótimas críticas no Rio. A Barbara Heliodora [uma das críticas de teatro mais respeitadas — e temidas — do País] elogiou e o Gerald [Thomas, diretor de "Esperando Beckett"] também. Mas você pode dizer que o Gerald é mais pessoal. Se bem que recebi críticas bem pessoais aqui em São Paulo também. A pior foi a de um rapaz da "Folha" que disse que minha peça era um desrespeito ao teatro. Menos de um ano atrás ele estava escrevendo um texto para eu montar e eu não quis porque era muito ruim. Esse texto dele, sim, era um desrespeito ao teatro. Para você ter uma idéia, tinha uma cena na qual eu conversava com um peru que estava dentro do microondas e o peru respondia para mim com a voz da Fernanda Montenegro. Esse rapaz criticou a minha peça dessa forma, destruindo o espetáculo a um ponto que ele falou mal do teatro fisicamente. Então



você vê. É subjetivo e eu tenho que desrespeitar uma crítica dessas. A do "Estadão", não. Ali a crítica foi feita com critério, ninguém se sentiu ofendido.

Por que começar a atuar e a cantar?

Sou de uma família musical. Fiz cinco anos de piano, minha irmã é pianista formada, meu irmão toca flauta, meu tio tocava pistão. Eu toco violão e cantava em festivais de bossa nova, fiz teatro universitário e recebi vários convites ao longo da vida. Acho uma sacanagem para com você e com o criador, se é que ele existiu ou existe, não explorar suas possibilidades. Eu estou viva, sou curiosa. As coisas me motivam. Tenho uma cabeça jovem, tenho possibilidades e as exploro, sou uma pessoa de bom gosto e não me importaria como cantora e como atriz se não soubesse do que sou capaz. E outras pessoas me avaliaram. Paulo Autran, o maior ator do Brasil, viu a peça e foi lá no camarim me encher de beijos e dizer que ainda vamos trabalhar juntos.

Você se cuida? Vale tudo pela beleza?

Acima da beleza, a saúde. Eu sou vaidosa, sim, mas não vale tudo, não. Adoro dizer que sou saudável, me exibir dessa maneira. Eu tomo composto vitamínico, tenho uma alimentação saudável, faço ioga e ginástica. O Boni [José Bonifácio de Oliveira

Sobrinho] foi ver meus exames, você sabe que o Boni [ex-executivo da Rede Globo] é um médico, né? Ele olhou para mim e disse: "Você é uma vaca saudável."

Sempre vemos você bem vestida. A Gabi curte moda?

Obrigada. Eu uso Huis Clos. Não tenho paciência para sair e fazer compras. Elas me vestem, me aparecem com um monte de roupas e eu sei dizer não. Sou tradicional, aquilo que eu chamo de clássico com trombetas [risos]. Para mim não existe muita distinção de roupa de domingo. Tirando as grandes festas que exigem uma produção especial, o que eu visto na TV, visto no cotidiano.

Que tipos de lugares você costuma frequentar por aqui?

Aqui eu gosto de sair com alguns amigos para comer. Curto cinema, teatro e andar. Adoro São Paulo em dia de sol. E gosto de ficar na minha casa. Ficamos juntos jogando "Detetive", "Imagem e Ação", que eu amo porque dá briga, e "Leréia", aquele do dicionário. Odeio "War", acho o fim da picada. É jogo de homem, e não gosto daquela coisa de ficar horas brigando para dominar o mundo.

A Marília-Mãe é coruja, acompanha cada passo profissional dos filhos?

Acompanho, torço, quero ajudar, às vezes atrapalho. Ouço eles dizerem para eu não me meter. Eu quero vê-los se dando bem. Essa é a única real necessidade que eu vou ter até o final dos meus dias, que é a de ver meus filhos bem-sucedidos e felizes.

E a idéia de ser avó? Isso te atrai?

Eu ia adorar, mas já avisei que não vou ficar em casa para cuidar de netinhos. Posso dar presente, beijinhos, recebê-los, mas depois eles vão embora para casa, porque a vovó vai pular de pára-quadras, viajar pro Egito. □

Veja Marília Gabriela no **Marília Gabriela**
Entrevista • GNT • GNT • 41 • domingos, 22h

